

Giordano Bruno, parresiasta. Filósofo e poeta do universo infinito.

Esther Maria de Magalhães Arantes

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO:

Mais do que uma singela mostra da vida e obra de Giordano Bruno - tomada de empréstimo a autores que se debruçaram sobre o pensamento deste grande filósofo da Renascença -, este texto visa apresentar Bruno como parresiasta, ou seja, aquele que, em consequência de sua palavra livre e corajosa foi expulso das Igrejas Católica, Calvinista e Luterana e, finalmente, queimado vivo em uma fogueira no *Campo De' Fiori*, no dia 17 de fevereiro de 1600, após ter sido julgado “herético impenitente pertinaz e obstinado” pelo Tribunal da Santa Inquisição Romana. Não há, assim, de nossa parte, pretensão alguma em adentrarmos por uma análise de tipo epistemológica visando decidir se as contribuições de Bruno podem ou não serem consideradas científicas. Nosso caminho é outro: o das formas “aletúrgicas”, seguindo os apontamentos de Michel Foucault nos dois últimos cursos no Collège de France: *O governo de si e dos outros* (1983) e *A coragem da verdade* (1984). Foi neste marco das “formas aletúrgicas” que Foucault estudou a noção e a prática do falar-a-verdade da parresia, distinguindo-a de outras modalidades como a retórica, a profecia, a sabedoria.

Palavras-chave: Giordano Bruno; Parresiasta; Tribunal da Santa Inquisição.

Por que Deus, sendo infinito e todo-poderoso, não criaria um mundo infinito, com outros sóis e outras humanidades? (Giordano Bruno)

Bruno peregrino:

Nascido na cidade de Nola, em 1548, foi batizado com o nome de Fillipo Bruno, mudando posteriormente para Giordano Bruno, quando se consagrou padre no convento de São Domingos. Já neste período começaram os seus problemas com as autoridades eclesiais, situação que persistiu e foi se agravando até a sua morte, quando foi queimado vivo em uma fogueira no Campo De' Fiore, em Roma, em 17 de fevereiro de 1600.

Para maior precisão das informações biográficas, vamos nos valer de uma longa citação, tomada de empréstimo ao filósofo brasileiro José Américo Motta Pessanha (1983)¹, sobre a vida de Bruno, particularmente sua intensa peregrinação pela Europa:

¹José Américo Motta Pessanha. Consultoria: Bruno vida e obra (páginas 5 a 12). Coleção Os Pensadores – Bruno, Galileu, Campanella. Editor: Victor Civita. São Paulo: Abril Cultural,

Durante dez anos viveu a vida conventual até doutorar-se em teologia em 1575. Nesse período estudou avidamente quase toda a filosofia grega e medieval e a cabala judaica, deixando-se impressionar particularmente pelo "onisciente Lúlio" (1233-1315), o "magnânimo Copérnico" e o "divino Cusano" (1401-1464). Esses estudos acabaram por afastar Bruno da ortodoxia católica e motivaram constantes censuras e admoestações dos superiores. Afinal foi processado por heresia, mas salvou-se fugindo para Roma. (...) Abandona as vestes sacerdotais e peregrina pelo norte da Itália (p.7).

(...) As autoridades eclesiásticas, no entanto, não o tinham esquecido e, em 1579, é desterrado, passando a viver na Suíça e na França. Em Genebra, adere ao calvinismo, mas logo indis põe-se com a intolerância sectária dos adeptos dessa corrente religiosa. É então obrigado a deixar a cidade. Em Tolosa permanece durante dois anos ensinando na universidade, (...). Em 1581 passa a viver em Paris, entre o ódio dos seguidores de Aristóteles e o entusiasmo de alguns colegas por sua inteligência brilhante e extraordinária erudição. Em abril de 1583, a ameaça de guerra civil na França leva-o a abandonar o país e dirigir-se à Inglaterra. (p.7).

(...) No outono de 1585 está de novo na França e publica Árvore dos Filósofos, hoje perdida, dois diálogos exaltando pretensas descobertas de seu compatriota Fabrício Mordente e dois livros sobre Aristóteles. Um deles expõe e comenta a física aristotélica, opondo-se a ela. (...) Com isso irrita novamente os doutores da Sorbonne e é obrigado a deixar outra vez a França, procurando refúgio na Alemanha. A Universidade de Wittenberg o acolhe em nome da liberdade de pensamento (...). A atmosfera favorável, contudo, começa a mudar com a preponderância progressiva dos calvinistas, que já tinham criado problemas para ele em Genebra (p.7-8). Dirige-se então a Praga, onde permanece por pouco tempo e, em 1588, muda-se para Helmstadt, onde fica durante um ano e meio (p.8).

Em junho de 1590, Giordano Bruno deixa Helmstadt e dirige-se para Frankfurt-am-Main, onde permanece até a primavera do ano seguinte. Nessa cidade recebe insistentes convites para retornar à Itália, por parte de um veneziano, chamado João Mocenigo (...). Em agosto de 1591, chega à cidade de Pádua (...). Em seguida, muda-se para Veneza, hospeda-se na casa de Mocenigo (...) (p.8).

Em maio de 1592, quando faz preparativos de viagem para Frankfurt (...) Mocenigo entrega Bruno ao tribunal do Santo Ofício, juntamente com manuscritos não publicados (p.8).

Iniciado o processo, em 3 de julho de 1592, Bruno declara estar arrependido de todos os erros que porventura tivesse cometido e pronto para reorientar toda sua vida. Nesse ponto, o processo poderia ter-se encerrado com a absolvição, mas o papa não o permitiu e fez com que o processo passasse ao tribunal do Santo Ofício em Roma. Em janeiro de 1593, Bruno é entregue às autoridades romanas e encarcerado durante sete anos, ao fim dos quais é condenado à morte na fogueira, juntamente com suas obras consideradas heréticas (p. 8).

Bruno parresiasta

Após ter sido julgado “herético impenitente pertinaz e obstinado” pelo Tribunal da Santa Inquisição Romana, Giordano Bruno foi queimado vivo em uma fogueira no *Campo De’ Fiori*, no dia 17 de fevereiro de 1600. De lá para cá são quatro séculos de uma fogueira que continua ardendo, tal a potência do pensamento de Bruno e a comoção que sua morte ainda hoje nos causa.

Segundo Pessanha (1983), antes de ter sido condenado, Bruno já sabia de seu destino, por discordar da ortodoxia escolástica medieval, que era a ciência oficial de sua época: “A visão do mundo contra a qual Bruno se insurgiu foi a de um universo de coisas fixas criadas por um Deus transcendente. A tal concepção ele contrapôs as descobertas astronômicas de Copérnico, que contrariavam o próprio núcleo da concepção medieval” (p. 9).

Bruno, no entanto, vai além de Copérnico, afirmando ser o universo vivo e infinito: “O movimento, para Bruno, seria da natureza dos seres vivos e todas as coisas possuiriam um princípio anímico, que as faz transformarem-se permanentemente” (p.9-10).

Todas estas considerações, dentre outras que faremos ao longo deste texto, nos permitem pensar Bruno como parresiasta. Falar com parresia consiste em falar francamente, na qual o sujeito da enunciação põe em jogo a sua própria vida.

Para que haja parresia, (...) o sujeito [ao dizer] esta verdade que marca como sendo sua opinião, seu pensamento, sua crença, tem de assumir certo risco, risco que diz respeito à própria relação que ele tem com a pessoa a quem se dirige. Para que haja parresia é preciso que, dizendo a verdade, se abra, se instaure e se enfrente o risco de ferir o outro, de irritá-lo, de deixa-lo com raiva e de suscitar de sua parte algumas condutas que podem ir até a mais extrema violência. É portanto a verdade, no risco da violência (FOUCAULT, 2011: 12. Aula de 1º de fevereiro de 1984).

Giordano Bruno, de acordo com vários autores, é o filósofo do Renascimento que mais claramente representa esta atitude, tendo, em consequência de sua palavra livre e corajosa, sido expulso das Igrejas Católica, Calvinista e Luterana, e finalmente, queimado na fogueira.

O filme *Giordano Bruno* (1973)², obra clássica do cinema italiano, reproduz o período em que Bruno retorna a Veneza, em 1592, até a sua morte em Roma, em 1600. Sobre o filme e a vida de Bruno, assim se manifesta Ivy Judensnaider³:

²*Giordano Bruno* (1973), filme de Giuliano Montaldo, com trilha sonora de Ennio Morricone e Gian Maria Volonté no papel de Giordano Bruno.

(...) bebendo de várias fontes, Giordano enfrentou as dificuldades dos filósofos naturais dos Quinhentos (e de outros, posteriores, dos Seiscentos) em responder às inúmeras questões sobre o conhecimento do ser humano e da natureza, e do movimento da Terra. Copérnico havia dado o primeiro passo (o de mover a Terra e deter a esfera das estrelas fixas) mas, ainda apegado à astronomia medieval, aumentara o mundo sem torná-lo infinito: preferira torná-lo *immensum*, incomensurável. Embora a historiografia da ciência apresente Thomas Digges como um dos primeiros a inovar e incluir o conceito de infinitude, é Giordano Bruno quem primeiro nos apresenta a idéia de universo descentralizado e infinito. Nesse mundo infinito, não faz o menor sentido falar em centro, da mesma forma que não faz sentido negar a existência de outros mundos através do espaço, mundos de astros-sóis espalhados pelo oceano etéreo do céu. Giordano não apenas afirmou ser impossível atribuir limites ao mundo, mas defendeu - de forma pública e sistemática - que o universo era infinito, já que Deus (o Deus de Bruno, de ilimitada e inimaginável ação criativa) não poderia ter feito de outro modo. Essa infinitude - jamais compreendida pela percepção sensorial, embora para o intelecto ela fosse o mais seguro dos conceitos -, só não seria maior do que a infinitude de Deus, condição necessária para criar um mundo infinito.

(o filme) Giordano Bruno reproduz o período de inquisição do filósofo: são mais de sete anos em cárcere privado, com interrogatórios constantes e torturas. O Santo Ofício está dividido, e nem todos estão de acordo com a punição a Giordano. Ao final, prevalece a ala mais conservadora: Giordano é condenado por escrever contra o Papa e a Igreja, colocar em dúvida a virgindade de Maria, negar a transubstanciação da carne, afirmar que Cristo era apenas um mago, defender a existência de mundos inúmeros e eternos, afirmar que a Terra gira em torno do Sol, crer na reencarnação e não no inferno, e defender a magia como prática lícita.

(...) O Santo Ofício lhe oferece a vida em troca de uma retratação pública. Giordano já abjurara em Veneza, na esperança de poder continuar escrevendo e transitando livremente. Em Roma, porém, abjurar significa enterrar-se vivo. Ele rejeita a concessão. "Não devo crer que deva desprezar a vida. Ou que não tenha medo. Contra a loucura do sangue e da morte, a natureza grita em voz alta que a matéria e Formas não devem temer a morte, por que matéria e Formas são princípios constantes. A eternidade do Todo compreende o Universo. E é tudo e de todos. Em todos os lugares e pontos. E eu amo a vida.

³ Ivy Judensnaider. *Giordano Bruno*. https://www.lainsignia.org/2008/enero/cul_014.htm

Uma estátua no Campo De' Fiore⁴:



⁴ As fotos da estátua de Giordano Bruno no Campo De' Fiore foram gentilmente cedidas por Ruth Batista, que lá esteve em agosto de 2018.

Em 1889, pouco depois da unificação da Itália e apesar da oposição da Igreja Católica, ergueu-se ali, no lugar onde Bruno foi queimado, uma estátua em sua homenagem, feita pelo escultor Ettore Ferrari.

Campo de Fiori é a única grande praça de Roma sem igreja. A vinte quadras do Vaticano e muito perto de Piazza Navona, pela manhã funciona um mercado. Senhoras vestidas de preto que parecem recém chegadas do campo vendem fruta, massa seca e verduras, brócolis romano, de cor verde clara e odor suave, ou brócolis siciliano, escuro e mais forte, que se come aqui. À tarde, as pizzarias e restaurantes das ruas laterais ficam cheios e, no lugar das matronas, estão os turistas de vinte e poucos anos que comem penne regate e, sobretudo, bebem cerveja como se fosse a última vez.

As senhoras da manhã e os meninos da tarde vivem sua vida alheios à estátua que está sobre o pavimento de Campo de Fiori. Mostra um monge alto e ligeiramente encurvado. O escultor Ettore Ferrari deu a ele um rosto com gesto decidido e arrumou as dobras da batina de modo que elas parecem seguir se movendo. Abaixo, uma frase em italiano: “A Bruno – Secolo da lui divinato, qui dove il rogo arse”. A tradução: “O século que ele adivinhou (está) aqui, onde o fogo ardia” (CARTA MAIOR, 2013: 12).⁵

(...) A instalação da estátua foi ela mesma uma grande batalha no século XIX. Promovida por personalidades de toda a Europa, desde Vitor Hugo até Mikhail Bakunin, a homenagem a Giordano Bruno só se configurou no monumento de Campo de Fiori em junho de 1889. E o Papa de então, Leão XIII, inclusive ameaçou afastar-se ostensivamente de Roma neste dia. Só se absteve de fazê-lo quando o governo italiano o advertiu que se deixasse a cidade era melhor que não voltasse. (CARTA MAIOR, 2013: 12).

Segundo Massimo Bucciantini⁶, o *affaire Campo De’ Fiori* provocou fraturas profundas, fazendo emergir as almas de duas Itálias:

*Ninguém mais que **Giordano Bruno** desfrutava de um curriculum vitae que se prestava a esta operação e que por tantos aspectos era semelhante aos maiores heróis do ressorgimento. Deste ponto de vista, sua vida tinha sido realmente uma tempestade perfeita: vida de exilado, expulso de todas as igrejas, solitário e sempre em fuga, corajoso até o limite extremo. E depois existia sua morte, que no imaginário popular contava acima de tudo. Ninguém como ele representava o herói que até o martírio tinha lutado contra os dogmas e os abusos de poder de uma igreja opressiva e negadora da liberdade mais importante, aquela do pensamento. E que por último foi morto do modo mais bárbaro, precisamente naquela praça, a dois passos do trono de Pedro.*

⁵ Carta Maior: Quando a inquisição colocou Boff no mesmo assento de Giordano Bruno e Galileu. Em 04/03/2013. <http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Quando-a-inquisicao-colocou-Boff-no-mesmo-assento-de-Giordano-Bruno-e-Galileu/6/27346>

⁶Massimo Bucciantini. Giordano Bruno, ícone da liberdade. *Revista IHU* (Instituto Humanitas Unisinos) on-line: 18 de fevereiro de 2005. (<http://www.ihu.unisinos.br/169-noticias-2015/539953-giordano-bruno-icone-da-liberdade>)

(...) A decisão de elevá-la a uma das praças mais populares de Roma não se reduziu, portanto, a uma banal algazarra, a uma descomposta e berrada prova de força arquitetada por grupos radicais e maçons da capital. Deu lugar, ao invés, a algo muito mais sério, cujas consequências sequer seus autores talvez haviam previsto em todo o seu alcance. Tratou-se de uma verdadeira e própria batalha laica e anticlerical: uma das poucas que se podem enumerar no passado deste país e que creio seja justo não esquecer. Não tanto para celebrá-la quanto para conhecê-la, e até é melhor dizer, para decifrá-la: através da compreensão de um choque que foi violentíssimo e das tentativas para neutralizá-lo, como das alianças e dos oportunismos que por vezes foram postos em campo para vencer a partida ou então para adiá-la para sempre.



A importância deste fato leva Massimo Bucciantini a esperar um gesto que, por sua nobreza, anunciaria uma bela manhã: “E seria um belo dia se no amanhecer de um **dezessete de fevereiro** deste século algum bispo de Roma saísse do Vaticano para dirigir-se ao **Campo de’ Fiori**. E ali, sozinho, aos pés daquela estátua, permanecesse em recolhimento (idem).

No Campo De’ Fiori que, como dito acima, é hoje uma alegre feirinha de frutas e verduras, todos os anos, na data da execução de Bruno, em torno de sua estátua, reúnem-se pessoas de diferentes tribos: admiradores, curiosos, maçons, intelectuais, cientistas, jovens, ufólogos e quem mais se achegar.

Cabe aqui perguntar: o que mantém Bruno vivo no coração de gentes tão diferentes, incluindo o brasileiro Frei Beto, que teria pedido ao Papa Francisco que o reabilitasse?

*Como teólogo dominicano, pedi-lhe que reabilite oficialmente Giordano Bruno, condenado à fogueira pela Inquisição católica, e o Mestre Eckhart, contemporâneo de **Dante**, que também foi condenado pela Igreja por heresia. A Igreja pode finalmente restaurar-lhes a dignidade perdida, pode reabilitá-los. E fazer justiça. Eu pedi isso ao **Papa Francisco**, porque considero que o tempo finalmente está propício nesse sentido. Estou convencido, de fato, de que, assim como **Tomás de Aquino**, os escritos dele superam os séculos e são uma contribuição fundamental para a teologia mística. **Giordano Bruno** tinha uma visão panteísta do mundo, era um humanista importante, mas os seus escritos são uma contribuição a ser valorizada. A Igreja estava assustada com ele, e não vice-versa. Foi um mártir, e é preciso reconhecer isso (FREI BETO, 2014).⁷*

Lembramos aqui outro brasileiro, o teólogo Leonardo Boff, quando, em 1984, foi colocado pela Congregação para a Doutrina da Fé no mesmo assento ocupado por Giordano Bruno e Galileu Galilei.

Fui julgado no prédio que fica à esquerda da grande praça para quem vai na direção da basílica (de São Pedro). Há séculos que é a sede da Congregação para a Doutrina da Fé, ex-Santo Ofício e ex-Inquisição. É um edifício grande, escuro, com três pisos ou mais. Teve um processo doutrinário com todos os requisitos jurídicos. Eu me sentei onde todos os julgados pela Inquisição foram julgados. Ali sentaram Galilei Galilei, Giordano Bruno e outros. Não estou jogando com metáforas, mas sim com a realidade (CARTA MAIOR, 2013: 12).

⁷ "Reabilite Giordano Bruno": o pedido de Frei Betto ao papa. Revista IHU (Instituto Humanitas Unisinos) on-line: 14 de abril de 2014. <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/530246-reabilite-giordano-bruno-o-pedido-de-frei-betto-ao-papa>. Ver também: Encontro entre o Papa Francisco e Frei Betto e a “reabilitação” de Giordano Bruno. Portal ZENIT. O mundo visto de Roma. <https://pt.zenit.org/articles/encontro-entre-o-papa-francisco-e-frei-betto-e-a-reabilitacao-de-giordano-bruno/>

Leonardo Boff nasceu em 1938, e em 1965, com 27 anos, é ordenado sacerdote na Ordem Franciscana. Em 1970 conclui o seu doutorado em Teologia, na Alemanha, sob a direção de Joseph Ratzinger, depois Papa Bento XVI. A partir da publicação de seus primeiros livros (*Jesus Cristo Libertador* e *Igreja: carisma e poder*) começa a ter problemas, culminando na abertura, em 1984, de um processo em Roma, que termina com seu afastamento do ministério presbiteral.

Desde 1971 recebeu frequentes cartas e admoestações, negociou o afastamento temporário de sua cátedra, enfrentou em Roma o diálogo, foi destituído da Revista Eclesiástica Brasileira e afastado da direção da Editora Vozes, foi obrigado a submeter todo escrito seu a uma dupla censura prévia.

Submeteu-se e, depois de tudo, foi castigado com um tempo de “silêncio obsequioso”. (FORCANO, 2018: 60)⁸

Sobre as razões de sua renúncia ao sacerdócio, esclarece Leonardo Boff:

Tenho a sensação de ter chegado diante de um muro. Não posso avançar nem um passo a mais. Retroceder implicaria sacrificar a própria dignidade e renunciar a uma luta de tantos anos...As motivações-chave inspiradoras de minha vida continuarão inalteráveis: a luta pelo Reino que começa a partir dos pobres, a paixão pelo Evangelho, a compaixão com os sofredores deste mundo, o compromisso de libertação dos oprimidos, a articulação entre o pensamento mais crítico e realidade desumana e o empenho de cultivar a ternura para com todo ser criado, à luz do exemplo de São Francisco de Assis (Leonardo Boff, citado por FORCANO, 2018: 61).

Em 19 de abril de 2018, aos 79 anos, uma foto de Leonardo Boff esperando do lado de fora no prédio da Polícia Federal em Curitiba correu o mundo, impedido de visitar em caráter humanitário e religioso o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, juntamente com o Nobel da Paz Adolfo Pérez Esquivel, de 87 anos.⁹

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, assim como o filósofo Giordano Bruno e o teólogo Leonardo Boff, se negou a negociar sua dignidade em troca de sua liberdade, afirmando preferir ser um preso com dignidade do que um rato livre. Disse só aceitar sair da prisão quando o judiciário o declarar inocente, sendo ele um preso

⁸ Forcano, Benjamin. Leonardo, cuidado de sua dignidade e liberdade. In: Arochellas, Maria Helena; Barros, Marcelo (Orgs). *Ternura Cósmica: Leonardo Boff, 80 anos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

⁹ Justiça impede que teólogo e ganhador de prêmio Nobel da Paz visitem Lula. Leonardo. Brasil de Fato. Em 19 de abril de 2018. <https://www.brasildefato.com.br/2018/04/19/justica-impede-que-teologo-e-ganhador-de-premio-nobel-da-paz-visitem-lula/>

político¹⁰. No velório de seu neto, de 7 anos, criticou os responsáveis por sua condenação, lembrando que Arthur sofria *bullying* na escola por ser seu neto, prometendo provar sua inocência e levar para ele, no Céu, o seu Diploma de Inocente¹¹.

Recusando aceitar a barganha que a eles foi oferecida - a de manter a mera vida em troca do silenciamento de suas palavras e a desmoralização de suas lutas -, Giordano Bruno, Leonardo Boff e Lula da Silva levaram as instituições a seus limites, obrigando-as a se mostrarem como partes no jogo do poder soberano de vida e morte.

Bruno entre dois mundos:

O Renascimento caracterizou-se por transformações profundas na visão de mundo do homem europeu. Nas palavras de Pessanha:

A religião sofre abalos profundos e cada vez mais se questiona a possibilidade de fundamentá-la racionalmente através da estrutura conceitual aristotélica, tal como a escolástica havia feito. Surgem as filosofias místico-religiosas de Agrippa von Nettesheim (1468-1535), Paracelso (1493-1541) e Jakob Böhme (1575-1624) e eclode a Reforma de Lutero (1483-1546) e Calvino (1509-1564).

(...) Todas essas transformações não se fizeram sem conflitos profundos pois significavam, de maneiras diversas, a derrocada de uma ordem espiritual, social e econômica, que há séculos constituía o cerne da vida europeia. Os setores tradicionais ameaçados reagiram e enfrentaram as inovações, às vezes com violência, levando à morte alguns representantes da nova mentalidade. Foi o que aconteceu a uma das figuras mais representativas da Renascença italiana: Giordano Bruno (PESSANHA, 1983: 5-6).

Nesse sentido, e de acordo com Michel Foucault, no Curso “Segurança, Território e População”, a “passagem da pastoral das almas ao governo político dos homens deve ser situada no clima geral de resistências, revoltas, insurreições de conduta” (Foucault, 2008, p.306), ocorridas em fins do século XV e principalmente nos séculos XVI/XVII. Ou seja, anterior ao século XVI, em consonância com o pensamento de São Tomás de Aquino, há um *continuum* teológico-cosmológico que é aquilo em

¹⁰ TV 247. A íntegra da entrevista de Lula, realizada em 26 de abril de 2019, pelos jornalistas Mônica Bergamo (Folha de S. Paulo) e Florestan Fernandes (El País) <https://www.youtube.com/watch?v=6sMe3IvA-xY>. Ver também: Associação Americana de Juristas reconhece Lula como preso político e lança campanha. Em 03/05/2019. <https://jornalgggn.com.br/justica/associacao-americana-de-juristas-reconhece-lula-como-preso-politico-e-lanca-campanha/>

¹¹ <https://www.brasil247.com/pt/247/sudeste/385614/Lula-faz-promessa-ao-neto-Arthur-vou-provar-a-minha-inoc%C3%Aancia.htm>

nome do que o soberano está autorizado a governar, reproduzindo o governo de Deus na terra:

Se no próprio prolongamento, na continuidade ininterrupta do exercício da sua soberania, o soberano pode e deve governar, é na medida em que ele faz parte deste grande continuum que vai de Deus ao pai de família, passando pela natureza e pelos pastores. Nenhuma ruptura, portanto. Esse grande continuum, da soberania ao governo, não é outra coisa senão a tradução, na ordem - entre aspas - "política", desse continuum que vai de Deus aos homens.

Creio que esse grande continuum presente no pensamento de São Tomás, que justifica o governo dos homens pelo rei, é que vai ser quebrado no século XVI (FOUCAULT, 2008: 313).

Governar pastoralmente o mundo é submetê-lo a uma economia da salvação, da obediência e da verdade, significando que a vida neste mundo é apenas um tempo de preparação para a outra vida. E é isto que vai desaparecendo, segundo Foucault, principalmente entre os anos de 1580 e 1650, "no momento da fundação da episteme clássica"¹² e que Foucault (2008) denomina de "desgovernamentalização do cosmo" (p. 316).

Digamos, com uma palavra, para tomar um pouco de recuo e fazer uma grande ficção, que houve uma espécie de quiasma, uma espécie de cruzamento fundamental que seria o seguinte. No fundo, a astronomia de Copérnico e de Kepler, a física de Galileu, a história natural de John Ray, a gramática de Port-Royal... pois bem, um dos grandes efeitos de todas estas práticas discursivas, de todas essas práticas científicas -, foi mostrar que, no fundo, Deus rege o mundo somente por leis gerais, leis imutáveis, leis universais, leis simples e inteligíveis, que eram acessíveis seja na forma da medida e da análise matemática, seja na forma da análise classificatória, no caso da história natural, e da análise lógica, no caso da gramática geral. Deus rege o mundo somente por leis gerais, imutáveis, universais, simples e inteligíveis, que dizer o quê? Quer dizer que Deus não o governa... Não o governa no modo pastoral. Ele reina soberanamente sobre o mundo através dos princípios (FOUCAULT, 2008: 314).

Inversamente ao que pode ser caracterizado como desgovernamentalização do cosmo, vai haver a governamentalização da *res publica* (FOUCAULT, 2008: 317), significando que o soberano ou governante não tem como missão perpetuar na terra uma soberania divina, colocando a questão fundamental do final do século XVI: "O que é a arte de governar?"

Segundo Foucault, grosso modo, houveram duas grandes maneiras de reger o exercício do poder naquele que governa. Uma delas consistiu em indexar o exercício

¹² Sobre a caracterização do cosmos medieval e renascentista ver: Michel Foucault. As palavras e as Coisas. Uma Arqueologia das Ciências Humanas. São Paulo: Editora Martins Fotes, 2000.

do poder à sabedoria e à verdade do texto religioso, à verdade da revelação e da ordem do mundo. Em seguida, o exercício do poder foi indexado não mais à sabedoria religiosa, mas à sabedoria do Príncipe. Todavia, essa indexação conheceu na história duas formas distintas de racionalidades: num primeiro momento ela se deu sob a forma da Razão de Estado como racionalidade do soberano na qual o poder de soberania ocupa um papel central. Mas, num segundo momento, essa racionalidade deixou de assumir a forma unitária da Razão de Estado adotando a forma do pacto e do contrato social correspondentes a uma série de novos problemas que foram colocados não mais pelo Príncipe, mas pelo mercado, pela população, pela economia.

Esta passagem da indexação do exercício do poder que leva da racionalidade do Príncipe para a racionalidade do contrato social foi considerada por Foucault como um ponto de clivagem e de transformação absolutamente importante na economia do poder. O que significa, afinal, indexar o exercício do poder à racionalidade do contrato social? Significa, simplesmente, indexá-lo sobre a racionalidade daqueles que são governados, e que são governados de modo particular: como sujeitos econômicos, como sujeitos de interesse, como indivíduos que, para satisfazer seus interesses utilizam de maneira mais ou menos livre as regras e os objetos disponibilizados pelo mercado. Dessa forma, este ponto de clivagem é importante por que ele constitui nossa atualidade e indica o modo como nós somos governados hoje¹³. (AVELINO, s/d: 6)

Assim, segundo Foucault, naquele período ocorre tanto o avanço de uma “razão governamental” ou uma “arte de governar”, que tinha sua própria racionalidade, como também o avanço da razão científica caracterizada por Kepler, Galileu, Descartes, dentre outros.

Embora Foucault não mencione Giordano Bruno, o nosso entendimento é que Bruno esteve implicado em ambos os processos. Foi perseguido tanto por suas ideias sobre o universo infinito e a existência de muitos mundos, como por sua luta contra os dogmas e a intolerância religiosa, afirmando que a Bíblia devia ser seguida apenas pelos seus ensinamentos morais, evitando contradições entre o pensamento filosófico-científico e a religião. Bruno não era contra a Teologia ou contra a Fé, mas contra a intolerância religiosa, contra o uso fundamentalista da Fé e da Teologia, como afirma Nuccio Ordine.¹⁴

¹³Nildo Avelino, Michel Foucault: anarqueologia e ortologia dos saberes, p.6. http://www.ucs.br/ucs/tplcinfe/eventos/cinfe/artigos/artigos/arquivos/eixo_tematico9/Michel%20Foucault%20anarqueologia%20e%20ortologia%20dos%20saberes.pdf

¹⁴ Nuccio Ordine. Filosofia e Teologia in Giordano Bruno. <https://www.youtube.com/watch?v=NI7DWHKDYgI>

Filósofo e poeta do universo infinito

Antes de finalizarmos este texto, queremos lembrar a importância de Bruno para outros pensadores, entre os quais Espinosa (1632-1677), sem que, no entanto, muitos destes autores o tenham mencionado - talvez para se esquivarem da perseguição da Santa Inquisição e não por desconhecerem o pensamento de Bruno.

Lembramos ainda que Bruno foi dos poucos autores italianos a se manifestar contra os métodos utilizados na colonização da América. Se nenhum outro motivo houvesse, este seria suficiente para tê-lo em alta consideração. Segundo Giuseppe Bailone¹⁵, Bruno condenou o roubo e a violência da conquista de forma clara, ainda que de maneira breve, em dois dos seus livros publicados em 1584, tendo certamente se beneficiado e amadurecido suas críticas pela leitura dos livros de Bartolomé de Las Casas sobre a colonização espanhola. Diferentemente dos descobridores do Novo Mundo, que praticaram a arte da tirania contra povos indefesos, produzindo escravidão, morte, miséria e sofrimento em nome da religião e da civilização, Bruno, criticando esta mesma tradição, libertava a Terra de suas esferas rumo ao universo infinito.

Para Koiré, embora Bruno tenha contribuído com uma nova visão do universo, seu pensamento é impregnado de elementos animistas e poéticos, não podendo figurar entre os fundadores da ciência moderna. Isto, no entanto, segundo o próprio Koiré, não o faz menor.

*Giordano Bruno, sinto dizer, não é dos melhores filósofos. A combinação de Lucrecio com Nicolau de Cuza não produz uma mistura muito consistente; e ainda que, como já disse, seu tratamento das objeções tradicionais ao movimento da Terra seja bastante bom, pode-se mesmo dizer que o melhor realizado antes de Galileu, ele não conhece matemática, e sua concepção dos movimentos celestes é um tanto estranha. De fato, o esboço que tracei de sua cosmologia é um tanto quanto unilateral e de maneira alguma completo: a concepção do mundo de Bruno é vitalista, mágica; seus planetas são seres animados que se movem livremente pelo espaço, como os de Platão e de Patrizze. O espírito de Bruno não é absolutamente moderno. Entretanto, sua concepção é tão pujante e tão profética, tão razoável e tão poética que não podemos deixar de admirar ambos – sua concepção e ele próprio. E, pelo menos em seus aspectos formais, a concepção de Bruno influenciou de tal modo a ciência e a filosofia modernas que não há como não conceder a ele lugar importantíssimo na história do espírito humano*¹⁶(KOIRÉ, 2006:50).

¹⁵ BAILONE, Giuseppe. GIORDANO BRUNO condanna Cristoforo Colombo. TEORICI Politici Economisti Filosofi Teologi Antropologi Pedagogisti Psicologi Sociologi... <http://www.homolaicus.com/TEORICI/BRUNO/bruno3.htm>

¹⁶ Alexandre Koiré. *Do mundo fechado ao universo infinito*. 4ª. Edição, 2006, p. 50. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária.

Seja como for, como o queiramos designar - precursor da ciência moderna ou grande filósofo da Renascença -, acreditamos que a dimensão poética de seus escritos, aliada à potência de sua filosofia, além de grande coragem da verdade, são os ingredientes que fazem com que Bruno seja admirado por pessoas de crenças e filiações as mais diversas.

Referências

- AVELINO, Nildo. Michel Foucault: anarqueologia e ortologia dos saberes. http://www.ucs.br/ucs/tplcinfe/eventos/cinfe/artigos/artigos/arquivos/eixo_tematico9/Michel%20Foucault%20anarqueologia%20e%20ortologia%20dos%20saberes.pdf
- BAILONE, Giuseppe. GIORDANO BRUNO condanna Cristoforo Colombo. TEORICI Politici Economisti Filosofi Teologi Antropologi Pedagogisti Psicologi Sociologi... <http://www.homolaicus.com/TEORICI/BRUNO/bruno3.htm>
- BRASIL DE FATO. Justiça impede que teólogo e ganhador de prêmio Nobel da Paz visitem Lula. Leonardo. Em 19 de abril de 2018. <https://www.brasildefato.com.br/2018/04/19/justica-impede-que-teologo-e-ganhador-de-premio-nobel-da-paz-visitem-lula/>
- BRASIL 247. Lula faz promessa ao neto Arthur. Vou provar a minha inocência. <https://www.brasil247.com/pt/247/sudeste/385614/Lula-faz-promessa-ao-neto-Arthur-vou-provar-a-minha-inoc%C3%Aancia.htm>
- BUCCIANTINI, Massimo. Giordano Bruno, ícone da liberdade. Revista IHU (Instituto Humanitas Unisinos) on-line: 18 de fevereiro de 2005. (<http://www.ihu.unisinos.br/169-noticias-2015/539953-giordano-bruno-icone-da-liberdade>)
- CARTA MAIOR: Quando a inquisição colocou Boff no mesmo assento de Giordano Bruno e Galileu. Em 04/03/2013. <http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Quando-a-inquisicao-colocou-Boff-no-mesmo-assento-de-Giordano-Bruno-e-Galileu/6/27346>
- FORCANO, Benjamin. Leonardo, cuidado de sua dignidade e liberdade. In: Arochellas, Maria Helena; Barros, Marcelo (Orgs). *Ternura Cósmica: Leonardo Boff, 80 anos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as Coisas*. Uma Arqueologia das Ciências Humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos outros*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

- GRANADA, Miguel Angel. O Copernicanismo de Giordano Bruno e o significado da Ceia de Cinzas. In: BRUNO, Giordano. *Obras Italianas*. A Ceia de Cinzas. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2012.
- JORNAL GGN. Associação Americana de Juristas reconhece Lula como preso político e lança campanha. Em 03/05/2019. <https://jornalgggn.com.br/justica/associacao-americana-de-juristas-reconhece-lula-como-presopolitico-e-lanca-campanha/>
- JUDENSNAIDER, Ivy. Giordano Bruno. https://www.lainsignia.org/2008/enero/cul_014.htm
- KOIRÉ, Alexandre. *Do mundo fechado ao universo infinito*. 4ª. Edição, 2006, p. 50. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária.
- MONTALDO, Giuliano. Giordano Bruno, filme (1973).
- ORDINE, Nucio. Filosofia e Teologia in Giordano Bruno. <https://www.youtube.com/watch?v=NI7DWHKDYgI>
- PESSANHA, José Américo Motta. Consultoria: Bruno vida e obra (páginas 5 a 12). Coleção Os Pensadores – Bruno, Galileu, Campanella. Editor: Victor Civita. São Paulo: Abril Cultural, 1983. <http://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2017/03/Giordano-Bruno-Galileu-Galilei-e-Tommaso-Campanella-Cole%C3%A7%C3%A3o-Os-Pensadores-1983.pdf>
- PORTAL ZENIT. O mundo visto de Roma. Encontro entre o Papa Francisco e Frei Betto e a “reabilitação” de Giordano Bruno. <https://pt.zenit.org/articles/encontro-entre-o-papa-francisco-e-frei-betto-e-a-reabilitacao-de-giordano-bruno/>
- REVISTA IHU ONLINE. "Reabilite Giordano Bruno": o pedido de Frei Betto ao papa. *Revista IHU* (Instituto Humanitas Unisinos) on-line: 14 de abril de 2014.
- TV 247. A íntegra da entrevista de Lula, realizada em 26 de abril de 2019, pelos jornalistas Mônica Bergamo (Folha de S. Paulo) e Florestan Fernandes (El País). <https://www.youtube.com/watch?v=6sMe3IvA-xY>

Fotografia:

BATISTA, Ruth – Estátua de Giordano Bruno. Campo D'e Fiore. Roma, agosto de 2018.

Esther Maria de Magalhães Arantes
Professora do Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana
da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPFH- UERJ).